

# O GRAFITE COMO ATRATIVO AOS OLHOS NA PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA ensaios na cidade de Santo Ângelo, RS

*Alessandro Kessler<sup>1</sup>*  
*Máira Oliveira Pires<sup>2</sup>*

## Resumo

Este estudo tem por finalidade uma breve descrição da história da construção do conceito de arte urbana, bem como, suas primeiras manifestações na sociedade, em uma descrição mais dinâmica que diferencie o grafite da pichação. Por mais que ambos sejam baseados em uma forma de manifestação, por movimentos perante a sociedade atual, seguem finalidades distintas mas são comumente tidos como um movimento único. A concepção de elementos visuais na comunicação é objeto de estudos de autores e servem de base para construção do corpo textual, como Nogueira (2009), Silva (2004) e Almeida (2013), além de Sussman e Ward (2018) mencionando resultados sobre o rastreamento ocular de pessoas sobre edificações. Aos quais, se conclui que edificações com elementos visuais, detalhes ou cores fixam mais atenção do que fachadas brancas e dotadas de empenas cegas. O processo de estruturação da pesquisa se encerra com uma série de manipulações em fotografias para fins de comparação de edificações com empenas cegas e fechadas com o emprego de grafites. As fotografias foram tiradas na cidade de Santo Ângelo, pelo autor, e as imagens usadas nas simulações são obras de Eduardo Kobra, artista urbano atual. Outras imagens de artistas conhecidos e imagens famosas na internet pelo seu apelo emocional e artístico foram utilizadas no estudo.

Palavras-chave: grafite, arte urbana, comunicação, arquitetura.

## Abstract

This study aims at a brief description of the history of urban art in the city, as well as the early manifestations of society, in a more dynamic description than graffiti graphite. Because they are based on manifestations of manifestation, according to the current definition, the purposes are distinct and are common as a single movement. The design of visual elements in communication is the subject of studies by the author and databases for the construction of the textual body, such as Nogueira (2009), Silva (2004) and Almeida (2013), as well as Sussman and Ward (2018), indicating results about people drawn. To conclude that buildings with visual elements, details or core fixate more attention than white facades and dotted blind fronts. The process of structuring the research concludes with a series of manipulations in photographs for purposes of comparison of emphatic and closed evaluations with the use of graphite. The photographs were taken in the city of Santo Ângelo, of own authorship, and the images were used as works of art of Eduardo Kobra, current urban artist. Images of famous and famous artists on the internet for their emotional and classic progress were used in the study.

Keywords: graffiti, urban art, communication, architecture.

<sup>1</sup> Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. E-mail: kessleralessandro@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: maira.opires@gmail.com

## Introdução

Desde os primórdios das civilizações ao ato de gravar palavras ou desenhos em superfícies pode ser associado a uma forma de comunicação, como meio de expor ideias ou relacionado a crenças de um povo. Dentre alguns exemplos podem ser citadas as pinturas rupestres, inscrições pré-históricas, as pinturas murais dos egípcios e até mesmo os relevos magistrais do Palácio de Assurbanipal na Mesopotâmia. Esse fato é devido à realidade de que “o que realmente é importante é o fato do homem sempre buscar a adoção desse tipo de suporte para se expressar” (Nogueira, 2009).

Posterior a isso, o ato de estampar em parede pública, alheia, e em local proibido, como forma de rebelião a organização imposta pela sociedade vigente toma conta de Roma. As inscrições demonstravam o descontento da população perante figuras públicas, declarações de amor e ódio, poemas ou até meras publicidades. Escritos evidenciam que:

As intervenções nas paredes ou parietais, além de numerosíssimas, provinham de todos os grupos populares da cidade, de camponeses a artesãos, de gladiadores a lavadores. [...] Seu caráter público, por outro lado, confere às intervenções murais traços únicos no contexto da criação cultural popular. Outra característica marcante do graffiti reside na inevitabilidade da leitura pública das mensagens. (FUNARI, 1989)

A construção do significado de Arte Urbana, como é conhecida hoje, tem seu início na história em meados do século XX, pela não aceitação dos recintos aos quais a arte era predestinada, como galerias de arte e museus. Essa fuga de espaços de exposição fechados, e quase sempre de acesso por apenas parcela da população, levou os artistas a ocupar a cidade como um todo, criando representações que transpassassem as divisas físicas dos espaços destinados às exposições.

O processo de estruturação dessas pinturas, hoje conhecidas como grafites, pode ser entendido como “uma arte gráfica, uma comunicação visual capaz de tramitar mensagens através de desenhos, símbolos e letras, elaborados a partir de um repertório simbólico que pode ser comum à sociedade ou de conhecimento restrito a pequenos grupos de sujeitos”. (Silva, 2004).

No Brasil, “o grafite é o carro chefe da arte urbana, visto a projeção de seus artistas e da proliferação de pinturas país a fora, seja nas grandes capitais ou até mesmo em áreas periféricas, como beiras de estradas, velhas construções e pequenos municípios.” (Almeida, 2013). Inclusive, fatos recentes marcaram a mídia com notícias que evidenciam ainda mais a prática desse tipo de arte, como a lei criada pelo prefeito de São Paulo, João Agripino da Costa Dória Júnior, que pretendia limpar a cidade dos desenhos que estampavam muros e edificações. Mais tardar com a revolta causada pelo descontento da população o Jornal São Paulo trouxe em suas manchetes notícias de que Dória havia considerado mal a questão dos grafites, e passou a chamar novos artistas para retomar as manifestações artísticas às ruas da cidade.

No panorama atual da sociedade há um respeito maior por esse tipo de arte, porém segundo trecho das escritas de Silva, o mais importante é que:

este movimento tem por ideologia manter a luta contra o racismo e o preconceito, com atitudes que direta e indiretamente venham propiciar a inclusão social dos indivíduos que foram até então mantidos ou jogados à margem da sociedade. Em 2004 a juventude

brasileira representava 45 milhões de pessoas na faixa entre 15 e 29 anos. Segundo dados do IBGE sobre o mesmo período, cerca de 22% dos jovens do país encontravam-se abaixo da linha de pobreza, imersos na miséria. (Silva, 2008)

Ainda ressaltando a importância desse tipo de arte no cenário social atual, tem-se uma valorização muito significativa, como a estruturação do Boulevard Olímpico do Rio de Janeiro. A zona portuária da cidade agora conta com a maior pintura a céu aberto do mundo, e segundo o jornal O Globo “a obra, chamada de a paz entre os povos, foi encomendada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e pela prefeitura do Rio para representar a Olimpíada”. Pintado pelo artista Eduardo Kobra, o painel de 2,6 mil metros quadrados retrata os povos nativos de cada continente, com intuito de aproximar pessoas e diminuir preconceitos.

Para os ensaios propostos nesse estudo foi escolhida a cidade de Santo Ângelo, uma cidade do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, com 76.245 habitantes, segundo censo do IBGE em 2010. Ainda segundo dados do IBGE, a maioria de sua população é formada por jovens, que também é justificado por ser uma cidade universitária. O município de caráter turístico é protagonista no cenário da moda, da dança e das artes em geral, porém a aceitação da população, e pré-conceitos sobre manifestações urbanas, acabam por torná-lo um ponto estratégico de estudos no ramo das artes urbanas. O estudo pretende mostrar uma face artística do movimento, por vezes, criminalizado na cidade.

É válido ressaltar que esta pesquisa tem conhecimento que a construção dos movimentos por trás da arte urbana tem raízes profundas, e neste sentido, o resultado esperado respeita os diversos grupos sociais e as diversas formas de manifestação perante a cidade. A intenção é apenas salientar que a arte, antes marginalizada, agora ganha espaços em estudos em campos da publicidade, da psicologia, nas artes, sociologia e semiótica. Hoje o grafite passou a ser considerado uma forma de expressão da arte, deixando as ruas, e ganhando exposições e galerias. Aplicado em projetos de cunho social, a arte urbana cativa muitos que antes não reconheciam o movimento, e passaram a usá-lo como ferramenta de trabalho e expressão.

### Arte ou pichação?

O grafite e a pichação já foram muito confundidos, porém tratam-se de movimentos de linguagens baseadas nos mesmos princípios, métodos e materiais, porém com finalidades bem distintas. A diferenciação entre os movimentos é necessária, e com base em estudos de Nogueira (2009), tem-se que:

Muitos teóricos costumam separar essas práticas da seguinte forma: graffiti é algo mais elaborado, com o uso de diversas cores num mesmo desenho; pichação seria uma marca, assinatura, rabiscos feitos aleatoriamente, sem uma preocupação estética. Há inclusive certo preconceito por parte dos grafiteiros em relação aos pichadores, pois consideram esses últimos como ‘despreparados’, ‘selvagens’ por não se preocuparem com o senso estético. Aqui, consideraremos grafite e pichação mesmos movimentos pelo fato de apresentarem características similares, princípios que convergem praticamente para um mesmo fim: ser visto, marcar presença. (Nogueira, 2009)

A sociedade moderna aprendeu a se expressar de diferentes maneiras, e o “grafite e a pichação são intervenções urbanas contemporâneas que implicam discursos

divergentes acerca destas manifestações” (FURTADO e ZANELLA, 2005). Conforme Schlecht (1995) enquanto o grafite vem sendo considerado arte urbana e, pouco a pouco, cooptado pelo sistema econômico-social vigente, tirado das ruas, ou financiado por diversas agências, proprietários de estabelecimentos comerciais, exposto em museus e galerias; a pichação continua sendo compreendida como a sujeira das cidades.

Entre o grafite e a pichação existem características distintas e que tornam ambos os movimentos direcionados para expressões diferentes. No entanto, vale a ressalva de que ambas são marcadas e influenciadas por pensamentos conflitantes com a realidade vivida pelos adeptos. É possível que muitas vezes não se chegue a um consenso sobre algumas pinturas ou intervenções, isto é, se elas são consideradas grafites ou pichações. Pelo fato de muitos interventores terem sido influenciados e, muitas vezes, abordarem as duas modalidades, existem aquelas que fomentem um meio termo, que consiste em possuir características mescladas do grafite e da pichação.

Ramos (1994) coloca que, embora o grafite e a pichação sejam práticas que possuem uma mesma raiz e que, muitas vezes, busquem lugares não autorizados para expor os trabalhos e compartilhem riscos comuns e perseguições, a diferença entre grafite e pichação está na linguagem empregada. Conforme Furtado e Zanella, têm-se uma observação muito crítica a respeito da visão desses movimentos pela população em geral:

Por um lado, algumas vezes o grafite é veiculado como arte urbana e/ou expressão estética por meio da qual alguns grupos almejam transformar a realidade social, sendo, portanto, considerado mensagem, arte, bem como uma ferramenta conveniente para tirar alguns jovens das ruas; a pichação, por outro lado, é ratificada como lixo urbano e os pichadores como meros marginais em busca de adrenalina.[...] ao contrário do grafite a pichação como conceito é um produto brasileiro e designa as escritas urbanas compostas por letras estilizadas, com poucas cores e de rápida reprodução. (Furtado e Zanella, 2005)

As imagens finalizadas podem ser interpretadas de diferentes maneiras pelo observador, mas de modo geral, conforme estudos de Gitahy (1999) destaca-se ainda que o grafite procura entrar na dinâmica urbana de forma interativa, privilegiando as imagens em decorrência da sua origem nas artes plásticas, enquanto que na pichação o primordial é a palavra ou escrita pela qual se dá vazão ao descontentamento social e à falta de expectativas de certas camadas sociais urbanas.

### Mapeamento da visão

No estudo destes movimentos de expressão, que incidem sobre elementos físicos que marcam a cidade, como muros, fachadas, e mobiliários públicos, pesquisas revelam a maneira como a percepção humana é atraída, reconhece e recai sobre formas presentes nas edificações e elementos visuais semelhantes aos grafites.

O olho humano é formado por um conjunto complexo de elementos que atuam de forma específica para que o ato de olhar, ver ou enxergar ocorra. É notável que “a visão é responsável por 75% da nossa percepção” (Ramos, 2016) e estudar o comportamento humano a partir da percepção por esse sentido pode revelar algumas surpresas. Segundo uma publicação recente no ArchDaily, que menciona estudos sobre pontos de uma edificação que atraem a atenção do observador, é possível notar questões

importantes que podem nortear a produção arquitetônica atual.

O estudo usa de ferramentas de alta tecnologia para mapear o olhar humano quando direcionado a fotografias que retratam edificações distintas. A publicação menciona que utiliza de aparelhos como Ferramentas biométricas como um EEG (eletroencefalograma) que mede ondas cerebrais, software de análise de expressão facial que segue as mudanças de nossas expressões, e o rastreamento ocular, que nos permite gravar movimentos oculares inconscientes. Sussman e Ward, autores do estudo, aconselham aos leitores a anotar em letras grifadas que ‘pessoas não tendem a olhar para grandes coisas em branco, fachadas sem características, ou arquiteturas com quatro faces de vidro repetitivas’.

A imagem abaixo (figura 01), com pequenas mudanças usando ferramentas de manipulação de imagens, mostra duas visualizações da biblioteca Stapleton de Nova Iorque, uma com janelas existentes, à direita e, uma sem elas, à esquerda. Esses estudos são retratados em forma de mapas conceituais, de modo que, os pontos mais procurados pela curiosidade do olho humano são demonstrados por demarcações maiores na foto, a densidade dessas demarcações é dada pela quantidade de tempo que o observador descansa o olhar sobre esse ponto, já a sequência em que esses pontos são procurados é representada pelas linhas que ligam essas demarcações.



Figura 01 – Mapa de resultado das análises dos pontos mais procurados pelo olho humano durante a realização do teste. Fonte: ArchDaily.

A visão entre pessoas de diferentes idades, e diferentes estilos de vida, pode gerar pontos de interesses diferentes, mas é iminente negar que o olho humano é seletivo e escolhe para si o que lhe desperta mais curiosidade. Em um breve recorte de André Ramos (2006) tem-se a comprovação de que o olhar humano é direcionado para pontos de interesse, segundo o autor:

A visão é feita pelo cérebro. Os olhos funcionam como órgãos de conversão seletiva do estímulo luminoso em sinais elétricos. Durante todo o trajeto através do sistema visual, os estímulos vão sendo depurados até gerarem uma impressão visual única. Esse processo termina no Córtex, onde os impulsos são decodificados na forma de uma impressão visual. (Ramos, 2006).

Na imagem à esquerda, sem janelas, os examinadores ignoraram o exterior, salvo a porta de entrada. Este já não é o caso com a imagem à direita. A foto abaixo (figura 02) mostra mapas de calor que agregam os dados de visualização de múltiplos indivíduos. Esses mapas brilhantes, onde as pessoas mais observaram, sugerem quanto os padrões de aberturas importam: eles mantêm as pessoas fixadas na fachada, fornecendo áreas de contraste aos olhos que instintivamente procuram e depois se prendem em algum ponto. “Nossos estudos descobriram que os edifícios com janelas (ou áreas simétricas de alto contraste) perenemente chamavam a atenção, e aquelas que não tinham, não.” (Sussman e Ward, 2018).

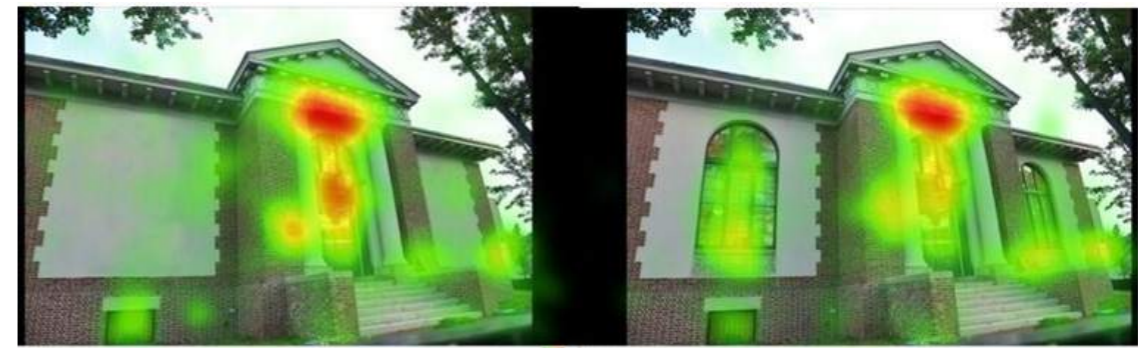


Figura 02 – Mapas de calor que agregam os dados de visualização de múltiplos indivíduos, demonstrando pontos sob os quais a visão predominou. Fonte: ArchDaily.

Sussman e Ward descrevem que “as fixações conduzem a empolgação”, ou seja, todo e qualquer lugar onde nossos olhos se fixam é o ponto para onde vai toda a atenção do observador naquele instante. Essa pesquisa revela, de maneira muito clara, a importância que a forma, a fachada ou identificação, da edificação influencia na percepção do indivíduo, e mais, podendo interferir no interesse do mesmo em adentrar ou simplesmente ignorar a construção.

Não é de admirar que Honda e GM usem essa tecnologia, além de demais anunciantes de diversas marcas também. Querem saber aonde nós olhamos para que possam gerenciar nosso comportamento, certificando-se de que um anúncio prende a atenção, conforme pretendido, antes de ser lançado. Querem gerenciar nosso comportamento inconsciente para que tenham o resultado consciente que desejam de nossos cérebros. (Sussman e Ward, 2018).

Na arquitetura esse estudo tem grande impacto porque pode direcionar o modo como reconhecemos ou interpretamos a forma com que a edificação se comporta, não só ela necessariamente, mas como todo o entorno também. Na imagem abaixo (figura 03), foi realizado outro teste, onde as pessoas, enquanto visualizavam as imagens, foram questionadas se prefeririam esperar um amigo em frente ao prédio da primeira imagem ou na frente do prédio da segunda imagem. “pedimos para mais de 300 pessoas em palestras [...] Surpreendentemente - sem sequer conversar um com o outro - todos escolheram o mesmo lugar, em frente ao mural”.



Figura 03 – Comparação de imagens deita para o questionamento frente ao público. Fonte: ArchDaily.

Ainda sobre a experiência com essas imagens a construção do mapa de calor (figura 04), demonstra em quais pontos as pessoas fixavam mais o olhar, ou seja, qual lugar despertava mais interesse ao olho humano; logicamente esse ponto era o que incitava mais a empolgação pessoal.

O mapa de calor indica que o mural fornece pontos de fixação para focar, e estes nos dão um tipo de conexão que gostamos ou que

Figura 04 – Mapa de cor relatando pontos de fixação do olhar. Fonte: ArchDaily.



Os estudos do rastreamento ocular revelam, principalmente na imagem acima, a compaixão do olhar perante pontos com cor, como é o caso de fachadas mais dinâmicas, que possivelmente possam incluir pinturas, fotografias, cores e elementos diversos. O processo ainda analisou diversos tipos de imagens, que não envolvessem arquitetura propriamente dita, mas imagens de paisagens e do cotidiano, e relatou que por mais que a arquitetura, e demais objetos encontrados nas fotografias, fossem relevantes, as pessoas sempre olhavam inicialmente e por mais tempo para as outras pessoas nas fotografias.

Somos uma espécie social e nossa percepção é relacional. Estudos de rastreamento ocular observam isso, repetidamente. Sim, a arquitetura é importante, mas, do ponto de vista do nosso cérebro, as pessoas são mais importantes. Não importa onde elas estejam. (Sussman e Ward, 2018).

### Ensaaios na cidade

Os ensaios ocorreram na cidade de Santo Ângelo, e para tal finalidade, as imagens foram manipuladas no Photoshop, usando artes conhecidas e divulgadas na internet. O modo de seleção das imagens teve por base grafites famosos como, por exemplo, do artista Eduardo Kobra, e outras imagens que circulavam em redes sociais e pudessem ser logo reconhecidas pela população em geral.

Abaixo (figura 05), tem-se uma fachada cega de um edifício residencial na Rua Antunes Ribas, uma das mais movimentadas no sentido norte-centro, na cidade. Já na imagem ao lado (figura 06), observa-se o resultado após a manipulação e emprego do grafite na edificação. A arte usada é de Eduardo Kobra - Jimi Hendrix & Jean Michel Basquiat, em São Paulo.



Figura 05 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 06 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na fachada cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.

Na mesma via, na Rua Antunes Ribas, mas agora em sentido Centro-Norte da cidade, tem-se essa pequena edificação residencial de dois pavimentos com empena cega para a fachada sul, onde se fez uso de grafite para comparação. A primeira imagem (figura 07), observa-se a imagem real do lugar, e em segundo (figura 08), com a aplicação da imagem de autoria de Eduardo Kobra, do mesmo grafite usado na simulação anterior.



Figura 07 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 08 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na empena cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.

A simulação a seguir faz uso da edificação das instalações da Corsan, empresa vigente na prestação de serviços de saneamento básico na cidade, como tratamento de água e esgoto. Na primeira imagem (figura 09), tem-se o local como existente, já na segunda imagem (figura 10), fez-se a manipulação para inserção de um grafite na empena cega da edificação. Essa imagem foi muito usada em redes sociais retratada por poemas e figuras do gênero. A imagem também faz uma crítica à sociedade atual que deixa de lado sentimentos e relações interpessoais em troca da correria imposta pela rotina de trabalho excessiva e desgastante. Esse processo leva a uma falta de comunicação nas famílias, como no caso, a imagem retratando uma criança carente.



Figura 09 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 10 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na empena cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.

A simulação abaixo (figuras 11 e 12), retratam respectivamente, a imagem real do lugar e a inserção de uma arte em empena cega da edificação. Esse trabalho é feito na outra fachada da edificação já mencionada na simulação anterior. A empena cega da edificação é trabalhada em sua totalidade com uma arte um pouco mais vazada, não agredindo visualmente a visão, mas mesmo assim, preenchendo o vazio e tornando-a um atrativo ao olhar.

Figura 11 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 12 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na empena cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.



O trabalho abaixo faz uso de uma fachada cega na Rua Florêncio de Abreu e uso de uma aquarela para grafite na fachada. As imagens abaixo (figura 13 e 14), representam respectivamente a fachada original do local e a fachada com a arte estampada sobre a empena.

Figura 13 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 14 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na empena cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.



Na imagem acima é possível ver que o trabalho com o grafite acaba por se tornar o ponto mais procurado pelos olhos, o que anteriormente não acontecia. Esse processo de estruturação pode ser explorado, em trabalhos publicitários, na criação de pontos de referência e até mesmo no processo de destaque de um comércio ou uma edificação mais atraente no entorno.

A pesquisa de mapeamento da visão revelou que o olhar humano é curioso, e que independente de qual for a imagem, os olhos sempre buscam pessoas, o que pode ser explicado pelo fato do ser humano ser um ser sociável. Desta maneira a escolha da figura, além de ser bela, trás em suas linhas o desenho de um rosto, o que possivelmente chamará mais atenção aos olhos das pessoas que transitarem por ali.

Nas imagens abaixo, vê-se (figura 15), a imagem real da edificação que foi usada com modelo na simulação, e na imagem ao lado (figura 16), o resultado da intervenção. Este prédio residencial, se localiza na rua Florêncio de Abreu, no centro da cidade de Santo Ângelo, e para tal trabalho teve-se como base as imagens gravadas em um edifício localizado em São Paulo, mais precisamente na região que beira o elevado Pre. João Goulart. A arte de base é a “empena viva”, o grafismo representa silhuetas de pessoas em contraste branco e preto, simulando ações que possam se passar no interior dos apartamentos.



Figura 15 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 16 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na empena cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.

A manipulação de imagens a seguir (figuras 17 e 18), apresentam respectivamente a imagem real do local, sendo o prolongamento da Avenida Getúlio Vargas, e a imagem com a manipulação e desenho do grafite em sua fachada cega. A construção dessa simulação teve como base uma das artes de Eduardo Kobra, que sempre usa de uma figura e estrutura uma repetição de formas geométricas coloridas sobre a mesma. A escolha da composição se deu pelo fato da edificação ser localizada em um bairro universitário, levando um ar jovial ao entorno e clamando aos olhos a atenção. Esse fato acaba por contribuir ao entorno que é um pouco descuidado, o que torna a passagem pelo prolongamento algo mais agradável.



Figura 17 – Imagem original antes da manipulação. Fonte: Arquivo pessoal.  
Figura 18 – Imagem pós-manipulação com emprego de grafite na empena cega da edificação. Fonte: Arquivo pessoal.

## Metodologia

A metodologia utilizada na construção da pesquisa se deve à imersão bibliográfica sobre os assuntos relacionados, sendo a história do grafite, suas bases e origens, além de uma distinção entre grafite e pichação. Todo processo foi embasado pela bibliografia apresentada e redigida com o máximo de clareza possível. Os processos que se desenvolveram a seguir utilizaram softwares de edição de imagem, como o photoshop, para os ensaios mencionados anteriormente. A captura das imagens e todo processo de edição são de cunho do autor e se destinam a uma reflexão do leitor sobre as possibilidades de uso da arte urbana na produção arquitetônica, tomando por base as interpretações e percepções individuais de cada um sobre as imagens apresentadas.

## Considerações finais

O grafitismo surgiu na pré-história, onde foram reproduzidas pinturas rupestres dentro de cavernas e em locais similares como forma de diálogo entre os pré-históricos. Nessas pinturas ficam a caracterização de temas religiosos, sociais, políticos e culturais, além de temas ligados ao cotidiano e rotina daqueles que as gravaram.

O estudo procurou levantar questões a cerca dos termos de grafite e pichação. A transformação da cidade e a história do uso urbano como significado da cidade levaram a população a procurar novos modos de expressão em meio a desgostos e temas impostos pela sociedade e os que a comandam. Ambas as atividades buscam um meio de expressão, o grafite, entretanto, busca um meio artístico de expressão, a criação de obras de arte urbanas, soltas em meio a cidade. Já a prática da pichação, tem caráter agressivo, e tem sua prática condenada por lei, sendo o autor passível de prisão.

O processo de construção de ambos os movimentos, bem como suas respectivas formas de criação e expressão tem bases em uma interpretação antropológica, e de uma forma ou outra, importantes na construção de uma forma de pensamento perante a cultural moderna. O contexto em que ambos se constroem tem bases distintas e, por vezes, passam a ser considerados apenas um.

A imagem fala por si própria, levando a uma interpretação única vinda de cada observador. A representação de imagens, símbolos, textos e palavras, por vezes soltas nas representações, fazem com que a leitura final seja uma releitura do trabalho inicial, tendo como base para essa criação o senso crítico construído pelo próprio espectador, através de seus pensamentos e do que ele julga construir no momento em que se depara com a obra.

A construção de imagens tem como objeto de estudo edifícios da cidade de Santo Ângelo, e seguiu diretrizes que usassem um plano concreto e que pudesse ser transformado, de modo a enriquecê-lo, não depredá-lo, numa proposta de reflexão sobre o tema. O conceito enraizado leva a considerar as intervenções urbanas deste tipo como maléficas, sem ao menos considerar uma leitura mais sentimental sobre a representação do artista. O estudo passou por diversas análises de locais e buscou, em todas as suas simulações, demonstrar o potencial que uma empena cega, por vezes renegada aos olhos, pode enriquecer o entorno e despertar o interesse do indivíduo que a contempla.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, G. B. *Política, subjetividade e arte urbana: o graffiti na cidade*. Florianópolis, SC, 2013.

IBGE. *IBGE cidades*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santo-angelo/panorama>>. Acesso em: 13/02/2018.

FURNARI, P. P. *Cultura na antiguidade clássica*. Contexto, Araçatuba, SP, 1989.

FURTADO, J.R; ZANELLA, A. V. *Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas*. Visualidades. Revista do programa de mestrado em cultura visual, Goiânia, MG. 2005.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense. 1999.

NOGUEIRA, C. *A (im)permanência do traço: rastro, memória e contestação*. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Rio de Janeiro, 2009.

O GLOBO. *Maior pintura em mural do mundo é inaugurado no Boulevard Olímpico*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/maior-pintura-em-mural-do-mundo-inaugurada-no-boulevard-olimpico-19819307>>. Acesso em 13/02/2018.

RAMOS, Célia Maria A. *Grafite, pichação & Cia*. São Paulo: Annablume. 1994.

SCHLECHT, Neil E. *Resistance and appropriation in Brazil: how the media and "official culture" institutionalized Paulo's grafite*. Studies in Latin American Popular Culture. 1995.

RAMOS, A. *Fisiologia da visão: um estudo sobre o "ver" e o "enxergar"*. PUC Rio, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, W. *A trajetória do graffiti mundial*. Revista ohun, Rio de Janeiro, 2004.

SUSSMAN, A.; WARD J. M. *O que podemos aprender sobre arquitetura a partir do rastreamento ocular das pessoas*. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/887713/o-que-podemos-aprender-sobre-arquitetura-a-partir-do-rastreamento-ocular-das-pessoas>>. Acesso em: 07/02/2018.